

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Journal de BrasilClass.: Amazônia / SaúdeData: 12/10/1994Pg.: 07 56**IBGE diagnostica os problemas amazônicos**

A falta de saneamento básico — que provoca a multiplicação de doenças — e o crescimento urbano, que hoje abrange 51% dos aproximadamente 18 milhões de habitantes da Região Amazônica, foram os principais problemas apontados pelo diagnóstico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentado ontem ao ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, Rubens Ricúpero, na sede do IBGE.

O diagnóstico, iniciado em julho de 1991, foi encomendado pela secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência. A equipe do IBGE, coordenada pela geógrafa Antônia Martins Ferreira, concluiu a primeira fase do projeto, que deverá ter sua segunda e última etapa terminada em final de fevereiro, quando serão identificadas estratégias de desenvolvimento sustentável para a região. “Não adianta fazer diagnósticos, mas sim um programa supra-governamental, de longo prazo, que não termine a cada fim de governo”, sublinha Antônia.

Impressionado com a exposição da geógrafa, o ministro convidou a equipe a falar sobre o diagnóstico em Brasília. Ricúpero concorda com a tese de um programa supra-governamental: “Es-

te governo vai durar mais 11 meses, não vai dar tempo para realizar o necessário”, afirmou. Ele acredita, entretanto, que sejam possíveis ações imediatas em relação à degradação, ao garimpo e ao aumento da malária.

“Em 1980, existiam cerca de 100 mil casos de malária na Região Amazônica, e hoje são 500 mil. A leishmaniose tegumentar pulou de 2.500 casos para 15 mil neste mesmo período”, revelou a geógrafa. Para ela, o mais grave é que estas e outras doenças não matam, mas deixam seqüelas e podem se transformar em problema biológico: “Elas vão enfraquecendo o ser humano de geração a geração”, lamenta.

Para Antônia Martins Ferreira, “a política desenvolvimentista induz a um modelo que, no máximo, serve ao crescimento econômico, sem levar em conta o homem e a natureza. A Amazônia sempre serviu aos interesses externos, onde cada um tira o que precisa. A história dos povos da floresta e até a dos imigrantes foi esquecida.” Como exemplo, ela cita a construção da BA-150, que atravessa Marabá e Tucuruí, e substituiu a biodiversidade por programa, além de trazer conflitos sociais para a área.